

Uso variável do dativo em textos jornalísticos

Christina Abreu Gomes*

Resumo – Este artigo apresenta os resultados de pesquisa sobre o uso variável de formas do dativo anafórico no português do Brasil em textos escritos de jornais. Observou-se que coexistem tendências conservadoras e inovadoras no uso de variantes lingüísticas na língua escrita. Se de um lado, a língua escrita retém formas em vias de desaparecimento do sistema lingüístico em função dos processos de mudança que operam nas línguas, por outro, também está sujeita à influência da mudança que se manifesta na língua oral. Os contextos de implementação das variantes inovadoras (uso da preposição para e do clítico lhe como 2ª pessoa) na escrita são tanto de ordem estrutural quanto discursiva.

Palavras-chave – Variação. Dativo. Língua escrita.

1. Introdução

O presente capítulo apresenta os resultados do estudo que investigou o uso variável das estratégias de expressão do complemento dativo em textos escritos de jornais, utilizando o *corpus* Amostra de Jornais/PEUL. Esperamos que os resultados encontrados tragam contribuições para questões teóricas mais amplas relacionadas à mudança lingüística, à diferenciação entre língua oral e língua escrita, às tendências manifestas pela gramática do português brasileiro contemporâneo.

Neste estudo procuramos identificar de que maneira as estruturas em questão se manifestam na língua escrita, isto é, se já há reflexo da mudança observada na língua oral; se os fatores que regulam a variação no sistema lingüístico se manifestam na escrita; que contextos lingüísticos propiciam a implementação das variantes inovadoras; se o gênero discursivo está envolvido no maior ou menor monitoramento da interferência da oralidade na escrita.

A perspectiva teórica adotada é a de LABOV (1972, 1996), segundo a qual a variação lingüística é inerente ao sistema e se manifesta no uso sistemático das variantes em um mesmo contexto. Adotamos ainda a posição

* Professor Associado I da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. Pesquisadora do CNPq. E-mail: christina-gomes@uol.com.br.

de MARCUSCHI (2001), segundo a qual a relação entre fala e escrita deve ser entendida como um *continuum* em que o gênero discursivo confere as características que aproximam ou distanciam as duas modalidades.

Partimos do princípio de que, embora a língua escrita seja mais conservadora e haja uma tendência à preservação dos critérios que definem “um bom texto escrito” quanto à adequação à norma, o falante, ao escrever, não está completamente imune às possibilidades de transferência da oralidade para a escrita. Estudo realizado por SILVA (2001) sobre as estratégias de dativo na escrita, no *corpus* Discurso e Gramática da UFRJ, que contém narrativas orais depois transportadas para a escrita pelos mesmos falantes, revela que os falantes tendem a refletir na escrita informal os mesmos índices das variantes encontradas na fala. Portanto, é possível que o domínio e uso de determinadas variantes em processo de desaparecimento na língua sejam mantidas na escrita em função da pressão normativa, mas, por outro, a direcionalidade da mudança e o estágio em que ela se encontra podem também acabar se refletindo no texto escrito, mesmo sendo este mais formal, como é o caso dos jornais da grande imprensa.

2. Sobre o atual estágio do dialeto carioca em relação às estratégias de dativo

Os estudos sobre o uso variável das estruturas que expressam o caso dativo no português brasileiro abordaram três processos variáveis distintos: realização variável do dativo (FREIRE, 2000; GOMES, 2003); da preposição que introduz o sintagma preposicionado (GOMES, 1996; SCHER, 1997; GOMES, 2003); e da ordem dos complementos de verbos bitransitivos (BERLINCK, 2000; GOMES et al. 2003). Apresentaremos os aspectos relativos à alternância nas estratégias de realização do dativo e à alternância da preposição por constituírem o foco de análise dos dados da escrita.

O conjunto de trabalhos realizados com base na comunidade de fala do Rio de Janeiro sobre a realização variável do dativo (FREIRE, 2000; GOMES 1996, 2003) constituiu a base para o estabelecimento do atual estágio de ocorrência das variantes em questão nesse dialeto.

Com relação à realização anafórica de 3ª pessoa, assumimos que o envelope da variação contém quatro variantes: clítico, sintagma

preposicionado (Sprep), sintagma nominal (SN) e objeto nulo, conforme pode ser observado nos exemplos a seguir:

- (1a) (falando sobre a mãe) Ah, é..., pergunto **a ela** se eu... fico enrolando né? (retomada anafórica com SPrep) (Amostra Censo 2000)
- (1b) (falando sobre uma pessoa da igreja): eu vendi **ela** dois voto. (retomada anafórica com SN) (Amostra Censo 80)
- (1c) As crianças não têm linha, eu dou dinheiro [] (a referência a “as crianças” como objeto indireto na segunda sentença não foi realizada foneticamente e constitui um objeto nulo) (Amostra Censo 2000)

Não há registro, nas amostras de fala pesquisadas, de uso do pronome **lhe** como retomada de um SN mencionado anteriormente na função de objeto indireto. A título de ilustração essa realização seria como no exemplo a seguir:

- (1d) Encontrei meu irmão e pedi-**lhe** que me ajudasse a resolver o problema.

O estudo de tendência (tempo real de curta duração), que compara o comportamento da comunidade de fala em dois momentos diferentes (GOMES, 2003), revelou a estabilidade das freqüências no uso das estratégias de dativo, com a predominância do sintagma preposicionado para 3ª pessoa, uma vez que o pronome **lhe** como referência à 3ª pessoa desapareceu. Foram também observadas as mesmas alternâncias na expressão da 1ª e 2ª pessoa na função dativa, cujos resultados indicaram a predominância do clítico¹. RAMOS (1998) e FREIRE (2000) mencionam a tendência do uso de **lhe** como referência à 2ª pessoa com verbos bitransitivos e transitivos diretos², confirmando a tendência de perda do traço de caso e pessoa desse pronome. Assumimos, conforme mencionado em trabalhos anteriores, que a situação observada para o pronome **lhe** é reflexo das mudanças que ocorreram no quadro pronominal do português brasileiro (PB), conforme detalhado em TARALLO (1993), DUARTE (1995) e outros, que incluem a redução do paradigma flexional, através da substituição da referência da 2ª pessoa direta pelo pronome **você** (cf. Paredes Silva, 2000) e de **nós** por **a gente** (cf. Omena, 1996), e a tendência à perda de pronomes clíticos em função acusativa, de indeterminação e de agente da passiva.

Quanto à realização variável da preposição que introduz o complemento verbal, consideramos três variantes: preposição **a** ~ preposição **para**

~ ausência de preposição, como em: A) E pede um comprovante ao presidente do morro né? Pede []o seu Aurino, pede um comprovante [] ele (Amostra Censo); B) Ela disse os piores nomes feios **para** o meu filho (Amostra Censo). Em GOMES (2003) observou-se a tendência à substituição da preposição **a** pela preposição **para**. A mudança ampliou-se nos contextos inicialmente favorecedores ou de ocorrência categórica de **a**. Na Amostra Censo (década de 80), a presença da preposição **a** era favorecida na posição em que o objeto é não adjacente ao verbo e categórica introduzindo sintagma com traço [-animado]. Na Amostra Censo 2000, observamos o enfraquecimento do efeito da posição do objeto em relação ao verbo, uma vez que a preposição **para** tornou-se freqüente (a mesma freqüência) nas duas posições e houve ampliação dos contextos em que a variação ocorre. Construções com verbo leve acompanhado de sintagma preposicionado cujo SN é marcado como [-animado] passaram também a apresentar a alternância **a** ~ **para** ~ preposição nula³. A distribuição das variantes por faixa etária nas duas amostras (Censo 80 e Censo 2000) foi diferenciada. O estudo de tendência, que compara os dois momentos da comunidade de fala, 1980 e 2000, confirmou o processo de mudança detectado em tempo aparente no estudo de GOMES (1996). Nesse estudo, a distribuição das variantes por faixa etária, na Amostra Censo 1980, indicou uma preferência pelo uso de **para** entre os mais jovens e a prevalência do uso da preposição **a** entre os mais velhos. Já na Amostra Censo 2000 as ocorrências de **para** suplantaram as da preposição **a**⁴.

3. Manutenção e implementação de estruturas lingüísticas no texto escrito

Os dados submetidos à análise nessa pesquisa foram coletados do *corpus* organizado pelo PEUL/UFRJ, extraído dos jornais Globo, Jornal do Brasil, Extra e Povo de edições veiculadas no período de agosto de 2002 a fevereiro de 2004. Os dados para o estudo do dativo foram coletados das seguintes seções: editorial, opinião, crônicas, notícias da cidade, esportes e horóscopo. Tanto em relação ao estudo do dativo anafórico quanto em relação à alternância de preposição, investigamos a correlação entre fatores lingüísticos e não-lingüísticos na ocorrência das variantes.

3.1. Realização variável do dativo

A Tabela 1 apresenta a distribuição das variantes de dativo anafórico encontradas no *corpus* – clítico, objeto nulo e sintagma preposicionado – em função da pessoa do discurso. Nessa seção, serão considerados os resultados de frequência para a análise dos dados.

Tabela 1 – Distribuição das ocorrências das variantes de dativo em função da pessoa do discurso

Pessoa do discurso	Clítico		Objeto Nulo		Sprep		Total
1ª Pessoa	79%	19	17%	4	4%	1	24
2ª pessoa	60%	38	32%	20	8%	5	63
3ª pessoa	48%	19	20%	10	32%	10	39

É interessante observar que, em todas as pessoas, o clítico é a variante mais freqüente. Na fala, há predominância do clítico de 1ª e 2ª pessoas, o de 3ª praticamente desapareceu, sendo o sintagma preposicionado a estratégia mais freqüente de realização do dativo anafórico de terceira pessoa. Já nos jornais pesquisados, observa-se a prevalência de uso de clítico em todas as pessoas, além de haver um percentual considerável de realizações do pronome **lhe** com referência à 3ª pessoa.

A freqüência alta de clíticos na escrita, na verdade, revela o caráter conservador e, ao mesmo tempo, inovador no uso de pronomes nos jornais. O clítico **lhe** como referência à terceira pessoa ainda é presente na escrita, conforme exemplificado a seguir:

- (2) A intervenção da atriz Regina Duarte no programa eleitoral de José Serra suscitou reações de censura em cadeia pelo fato de afirmar sua preferência eleitoral em termos de medo de uma volta descontrolada da inflação. As reações negativas variaram quanto ao tom e origem, mas tiveram em comum o esforço de elidir uma discussão sobre o caráter específico do medo da atriz e, com isso, um debate racional. Tivemos um documento da CUT, até aqui ausente do cenário político, acusando-a de “terrorismo eleitoral”, seguido de manifestações, pela internet, de críticas de seus pares do meio artístico. Culminaram na declaração de Lula, que desqualificou a atriz, imputando-**lhe** um tipo

de medo que nada tem a ver com aquele expresso por Regina: medo da concorrência de atrizes mais jovens. (Globo, Opinião, 21-10-02)

Os usos de clítico foram todos do tipo exemplificado em (2), em que só há uma única retomada anafórica. A observação dos casos de sintagmas preposicionados contabilizados na Tabela 1 revela que, em contextos em que o clítico seria possível, mas há mais de uma retomada anafórica de SN na posição de objeto indireto, como no exemplo 3, há a preferência por sintagmas preposicionados com SNs diferentes para evitar a repetição da mesma estrutura em um curto trecho.

(3) Eurico reconheceu que está devendo **ao jogador**, mas garantiu que vai cumprir o que prometeu **a Edmundo**. (Extra, Esporte)

Assim, na verdade, o percentual de clíticos de 3ª pessoa revela a sobrevivência, na escrita formal, de uma forma lingüística em desuso na língua oral, em processo de desaparecimento do sistema lingüístico a ser adquirido como língua materna, da mesma maneira como ocorreu a outras estruturas como a mesóclise e o uso do pronome *Vós*, acompanhado da flexão de 2ª pessoa do plural no dialeto carioca e em outros dialetos do PB.

O caráter inovador fica por conta das ocorrências do pronome **lhe** como referência à 2ª pessoa. Essas ocorrências foram registradas somente na seção Horóscopo. Todas as referências à 2ª pessoa sob forma de clítico são com a forma pronominal de terceira pessoa, assim como as referências usando sintagma preposicionado são com o pronome **você**:

(4) Organização e método devem ser buscados com empenho. Isto **lhe** permitirá um equilíbrio para que, em outros momentos, você possa fugir das regras. (Extra, Horóscopo)

(5) Compreenda seus próprios valores e aceite os limites que são impostos **a você**. (Extra, Horóscopo)

Os dados coletados na seção Horóscopo dos jornais são reveladores, pois são manifestações, na escrita, de um uso do clítico **lhe** que tem sido observado na fala. Essas ocorrências exemplificam a tendência do clítico **lhe**, mencionada na seção anterior, de perda da propriedade de indicar exclusivamente o caso dativo e a terceira pessoa.

3.2. Alternância de preposição

A tabela a seguir apresenta a ocorrência das variantes em função de valores percentuais. Observa-se a predominância da preposição **para**. GOMES (1996) observa, para a língua falada, que a distribuição das ocorrências das variantes por nível de escolaridade revelou que, quanto à avaliação social, a variante **a** é formal e prestigiada, a variante **para** é neutra e constitui estratégia de esquiva à ausência de preposição, que é desprestigiada.

Tabela 2 – Frequência de ocorrência das variantes no *corpus* de jornais

Preposição A	Preposição PARA	Preposição Nula	TOTAL
136	39	1	175
77,5%	22%	0,5%	

Na amostra de jornais, houve a predominância de ocorrência da preposição **a** (exemplo 7), diferentemente do que ocorre na língua falada, que se caracteriza pelo predomínio do uso de **para** (exemplo 7). É interessante observar que houve um único caso de ausência de preposição. O contexto é de coordenação de complementos. Esse dado não foi considerado na análise estatística (exemplo 8):

- (6) Ontem, em uma atitude inusitada, depois de fugir do abrigo em que estava desde o dia 16 de outubro, o menor F, 12 anos, acompanhado de dois amigos, resolveu pedir socorro pessoalmente **ao** juiz. (Notícias, JB)
- (7) Essas mudanças culturais, no entanto, mexeram com a vida da grande classe média brasileira que, se no primeiro mandato se deliciou com a valorização do real e incorporou hábitos dolarizados no seu dia-a-dia, viu-se frustrada nos últimos anos com o rigor do controle das contas públicas, que não permitiu aumentos salariais generalizados **para o funcionalismo público**, por exemplo. (Globo, Opinião)
- (8) Mas não dê crédito aos bajuladores e (**Ø**) os que prometem demais. (Povo, Horóscopo)

Conforme já observado em trabalhos anteriores, a variação na alternância da preposição se dá tanto em complementos de verbos

bitransitivos, verdadeiros dativos na nomenclatura de BERLINCK (1996), por constituírem argumentos internos do verbo, como com os complementos de verbos leves⁵, formados por verbo + SN (ex. dar atenção a alguém), e de verbos que implicam transferência no espaço (ex. levar algo/alguém a algum lugar).

No estudo da variação na escrita de jornais, verificamos a correlação entre a ocorrência das variantes e o tipo de jornal, gênero textual, animacidade do SN e o tipo de verbo. Esse último grupo é constituído dos verdadeiros dativos, subdivididos em verbos com transferência material e sem transferência material, verbos leves e verbos de movimento espacial. Os dados a seguir exemplificam os tipos de verbos considerados:

+ transferência material

(9) Durante anos fui submetido a uma espécie de *doping* legal. Antes davam essa substância **a cavalos**. (Extra, Esporte)

- transferência material

(10) Ontem o tricampeão de Wimbledon e tetra campeão do Aberto dos EUA afirmou **ao jornal australiano** The Daily Telegraph que usou anabolizantes... (Extra, Esportes)

verbo leve

(11) Se os sábios de Brasília tivessem dado mais atenção à *Dra. Zilda Arns*, o programa Fome Zero não teria virado a encrenca que virou. (Globo, Opinião)

transferência espacial

(12) Me levaram *para um abrigo*. Eu disse que tenho casa, mas ninguém acreditou. (JB, Notícia)

Os dados das preposições foram submetidos a tratamento quantitativo através do Programa VARBRUL, de Susan Pintzuk, versão para MSDOS. Os grupos de fatores selecionados foram gênero discursivo e tipo de verbo, enquanto tipo de jornal e animacidade foram descartados⁶. A aplicação foi a ocorrência da preposição *a*. A tabela a seguir apresenta os resultados de peso relativo acompanhados dos valores de aplicação e percentuais para os grupos de fatores selecionados.

Tabela 3- Distribuição da Preposição A em função dos grupos de fatores selecionados

Grupos	Fatores	Aplic/Total	%	P. R.
Gêneros	Editorial	19/21	90	.76
Textuais	Crônica	53/61	87	.66
	Opinião	11/12	92	.64
	Notícia	17/23	74	.54
	Esporte	15/20	75	.39
	Horóscopo	21/38	55	.15
Tipo de Verbo	verbo leve	29/35	83	.75
	- transf. material	86/110	78	.49
	+ transf. material	19/23	83	.37
	desloc. espacial	2/7	29	.05

Os resultados observados para o grupo de fatores gêneros textuais mostram que há predominância da variante formal em todos os gêneros, embora essa predominância decresça em função do gênero. Em editoriais e artigos de opinião, a presença da variante formal é semi-categórica com percentual alto de ocorrência em crônicas, diminuindo em notícias e esporte, e havendo redução significativa no gênero horóscopo. Essa distribuição pode estar relacionada ao fato de que determinados gêneros, como editorial e opinião, podem se caracterizar por apresentar uma maior formalidade, se comparados às seções de notícias da cidade, esporte e horóscopo.

Os resultados de peso relativo observados para o grupo de fatores tipo de verbo apresentam algumas inversões (fatores com frequência baixa e peso relativo alto e vice-versa), assim como também ocorreu para os gêneros textuais. O número total de ocorrências pode ter acarretado problema de distribuição dos dados. No entanto, os resultados de peso relativo indicam o favorecimento do uso da preposição **a** no estabelecimento de relações [+abstratas] entre verbo e complemento. Esse tipo de condicionamento foi observado nos dados da Amostra Censo (1980) (cf. GOMES, 2003).

4. Considerações finais

O estudo da variação lingüística em textos de jornais, relativo aos diferentes processos de expressão do dativo no PB, revelou que coexistem aspectos conservadores e inovadores na realização das estruturas lingüísticas na língua escrita. Se, de um lado, a língua escrita retém formas em vias de desaparecimento do sistema lingüístico em função dos processos de mudança que operam nas línguas, por outro, também está sujeita à influência da mudança que se manifesta na língua oral. Os contextos de implementação das variantes inovadoras (uso da preposição **para** e do clítico **lhe** como 2ª pessoa) na escrita são tanto de ordem estrutural quanto discursiva. Com relação à preposição, há a tendência ao decréscimo no uso de **para** em função do tipo de relação entre verbos e complementos, que se direcionam para relações mais abstratas. Parece que o estágio atual de realização das preposições que introduzem os sintagmas preposicionados se aproxima mais do comportamento observado na língua oral na Amostra Censo (1980), em que a preposição **a**, variante mais formal, é a preferida para codificar relações mais abstratas. O gênero discursivo também parece estar envolvido no maior ou menor monitoramento da interferência da oralidade na escrita. É no gênero horóscopo, que se caracteriza por ser mais diretivo em relação ao leitor, que as variantes inovadoras e menos formais se manifestam com mais frequência (caso da preposição *para*) ou com exclusividade (caso do clítico de 2ª pessoa).

Notas

- ¹ A) Vou dizer **pra** você que eu fui uma criança que teve uma infância boa. (Amostra Censo 80)
 B) ... **te** digo mesmo, não tenho arrependimento nenhum. (Amostra Censo 80)
 C) Agora você **me** explica como é que esses professores vai dar aula para esses alunos. (Amostra Censo 80)
 D) Minha mulher está cansada, a neném faz as necessidades dela, minha mulher diz **pra mim**: “Ah D, passa uma agüinha na fralda.”
- ² Mas aqui é pertinho de Itaguaí? Eu não sei **lhe** dizer direito. (Amostra Censo) (função dativa – 2ª pessoa – Amostra Censo 80)
- ³ Amostra Censo (início da década de 80)
 a. eles não dão muita ênfase a isso
 b. eles não dão atenção ao caso
 Amostra Censo 2000
 a. pra dar continuação [] o trabalho

- b. não deu muita inclinação para a parte intelectual
- c. que eu dou muito valor a uma reunião

- ⁴ Os resultados para os dados da amostra do ano 2000 indicam que essa implementação não se deu de forma gradual, mas tomou toda a comunidade independentemente da faixa etária. Isto é, os percentuais de ocorrência da preposição *para* situaram-se no patamar médio de 80% em todas as faixas na Amostra de 2000, enquanto na década de 80, Amostra Censo, era de 38% na faixa acima de 50 anos.
- ⁵ Verbo leve é uma construção formada por verbo + sintagma nominal, caracterizada pelo esvaziamento semântico do verbo principal, que forma um composto com o SN que o segue, normalmente um substantivo deverbais (dar apoio a), mas não necessariamente (dar uma garrafada em). O significado é do composto (cf. Scher, 2000).
- ⁶ O programa Varb2000 possui ferramentas, *step up* e *step down*, que verificam a relevância estatística dos grupos de fatores. No *step up* é feita a seleção dos grupos de fatores relevantes e no *step down* ocorre o descarte dos grupos não relevantes. Ver mais em SCHERRE (1996, p. 39-50), NARO (2003).

Variable use of dative in newspaper texts

Abstract – This paper presents the results of a research carried out about the variable use of dative forms in the written language of newspapers. It was observed that in relation to the use of linguistic variants both conservative and innovative trends coexist. Written records keep linguistic forms which are disappearing in the system but also it is influenced by the change observed in oral language. Context of implementation of new variants (the use of preposition *para* and the dative clitic “*lhe*” as reference to the 2a person) in written language are related to structural and discourse constraints.

Key words – Variation. Dative. Written language.

Referências bibliográficas

BERLINCK, R.A. The Portuguese Dative. In: BELLE, W van ; LANGENDONCK, W. van (eds.). *The Dative*. Descriptive studies. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, v. 1, p. 119-151, 1996.

_____. O objeto indireto no português brasileiro do século XIX. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN E XIV INSTITUTO LINGÜÍSTICO, 2., 2000, Florianópolis. *Anais...* Taciro - Produção de CDs Multimídia, 2000, p. 220-229.

DUARTE, M.E.L. *Variação e Sintaxe*. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. Dissertação (Mestrado). Pontifícia

Universidade Católica (PUC), São Paulo, 1986.

_____. *A perda do princípio “Evite pronome” no português brasileiro*. Tese (Doutorado). UNICAMP, Campinas, 1995.

FREIRE, G.C. *Os clíticos de 3ª pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2000.

GOMES, C.A. *Aquisição e perda de preposição no português do Brasil*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 1996.

_____. *Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro*. In: PAIVA, M.C.; DUARTE, M.E. (org.) *Mudança lingüística em tempo real*, Rio de Janeiro: Contracapa, 2003, p. 81-96.

GOMES, C.A.; MOREIRA, A.L.; SOUZA, C.; VIEIRA, L.; VIEIRA, M. *Pressões estruturais e discursivas no condicionamento da variação: A ordem dos complementos verbais no português brasileiro*. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.) *Português brasileiro: Contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p. 199-205.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Principles of Linguistic Change*. Internal factors. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1996.

MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita: Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

NARO, Anthony J. *Modelos quantitativos e tratamento estatístico*. In: BRAGA, M.L.; MOLLICA, M.C. (orgs.) *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 15-25.

OMENA, N.P.A. *Referência à primeira pessoa do discurso no plural*. In: OLIVEIRA E SILVA, G.M.; SCHERRE, M.M.P. (orgs.) *Padrões sociolingüísticos: Estudos de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p.183-216.

PAREDES SILVA, V.L.P. *A distribuição dos pronomes de 2ª pessoa do singular na fala carioca ao longo do século XX*. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN E XIV INSTITUTO LINGÜÍSTICO, 2., 2000, Florianópolis.

Anais... Taciro - Produção de CDs Multimídia, 2000, p. 1288-1296.

RAMOS, C de M de A. *O clítico de 3ª pessoa: Um estudo comparativo português brasileiro/português peninsular*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, 1998.

SCHER, A.P. Verbos leves no português do Brasil: O caso de dar e as categorias aspectuais. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN E XIV INSTITUTO LINGÜÍSTICO, 2., 2000, Florianópolis. *Anais...* Taciro - Produção de CDs Multimídia, 2000, p. 1068-1077.

_____. As construções com dois complementos no inglês e no português do Brasil: Um estudo comparativo. In: *Sínteses - teses*. Campinas: UNICAMP, 1997, p.347-355.

SCHERRE, M.M.P. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo In: OLIVEIRA E SILVA, G.; SCHERRE, M.M.P. (org.) *Padrões sociolingüísticos: Estudos de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 39-50, 1996.

SILVA, M.D.L. *Transferência da oralidade para a escrita: Um estudo sobre as estratégias de realização de dativo no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2001.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: O português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (org.) *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, p. 69-105, 1993.

Recebido e aprovado para publicação em maio de 2007